



ALVIM

FOLHA

JOGO-SERIA-ILLUSTRADA

PUBLICA

REVISTAS. CARICATURAS. RETRATOS. MODAS.
VISTAS. MUZICAS. ETC. ETC.

ASSIGNA-SE

RUA DO OUVIDOR

52 SOBRADO

PREÇOS.

COSTA		PROVINCIA	
Um mez	22000	Semestre	112000
Trimestre	52000	Anno	212000
Semestre	102000	Avulso	500
Anno	202000		

O PAGAMENTO É SEMPRE ADIANTADO

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHE

por Amadeo Achard.

(Continuação.)

CAPÍTULO XIII.

AN DUAS PRIMAS.

O Marquez de Pardailhan, para cuja compulsa a fortuna guiava Adrianna, morava num vasto castello proximo de Gothenburg. Posto que ainda não fuisse velho, tinha entretanto o Marquez todos os cabelos brancos, e um certo ar de autoridade, que dominava quantos se acercavam d'elle. Estabelecido na Suecia desde muito tempo, occupava um posto importante no valente exercito, que tão gloriosamente acabava de bater-se com o da Polonia, posto que alcançara mais pelo seu proprio merecimento do que pelo seu brilhante nome e avultada fortuna. Enfermidades adquiridas na longa e penosa campanha obrigaram-o a renunciar ao serviço activo. Pelo fasto da vida, procurava elle consolar-se da inação a que se via forçado. Sua filha ajudava-o a fazer os honras do castello, sempre aberto a quem quer que tivesse um nome illustre ou um posto no exercito do rei Gustavo Adolfo.

O Marquez de Pardailhan abriu os braços a Adrianna e apresentou-lhe uma moça, que se conservava timidamente de pé atrás d'elle:

— Minha filha, Diana de Pardailhan. Ame-a como se fosse sua irmã.

Diana abraçou a Sra. de Souvigny, dizendo-lhe com voz inega:

— Quer ser minha irmã?

Reinaldo sentiu uma commoção, inteiramente nova para elle, agitar-lhe o coração, e marmurou sem perder de vista a filha do Marquez:

— Agora, creio nos seraphims!

Armando admirou-se de não ser recebido com a cordialidade que julgava merecer, visto ser parente do dono do castello. Ao subirem a escada, o Sr. de Pardailhan disse, carregando de leve o sobrolho:

— Há bastante tempo que espero minha sobrinha.

Armando bem comprehendeu o alanceo destas palavras. Assim acabava uma odyssea que, apesar dos perigos a que o havia exposto, tinha deixado no seu coração tão gratas recordações! Foi um sonho que passou; a triste hora da realidade começava a soar. Tantas vezes salvara Adrianna para perdê-la agora para sempre!

O Marquez, ignorando a causa da pallidez, que notava no semblante de Armando, perguntou-lhe com altivez:

— Então, não responde?

De La Guerche cobrou animo e respondeu fitando o seu interlocutor:

— Certo que o Sr. Marquez viu o conde de Pappenheim.

— Não o vi, mas escreveu-me, replicou o fidalgo altivo.

— Dem o suspeiava eu. Mas em vez de imitar o grande marechal do Imperio Allemão, direi simplesmente: Chamo-me o conde Armando de La Guerche, e afirmo que menti quem onsar pretender que meu nobre e honrado avô, o Sr. conde de Charnailles, e eu, não tínhamos sempre a Sra. de Souvigny com todo o respeito de que ella é cretora.

Reinaldo acrescentou:

— E eu, Marquez de Chanfontaine, estou também prompto a atirar minha luva, a quem tiver a coragem de sustentar o contrario.

O Marquez de Pardailhan, que era bom physiognomista, sorriu com amabilidade e disse:

— Entre, meu primo; entre, Sr. Marquez.

Armando e Reinaldo necessitaram a hospitalidade que lhes era offerta; mas as moedas de ouro que o Sr. de Charnailles dera a Armando, e as que Reinaldo trouxera, haviam sido semeadas em profusão durante a jornada; poucas já restavam nas suas bolsas e a vida era muito dispendiosa no castello de São-Wast. Armando lembrava-se que teria de voltar um dia para França, e que nem sempre se encontravam homens como o excellentê Abrahão Cabellau. Como fariam elles a viagem sem dinheiro!

Entretanto não era isto o que mais affligia Armando. Continuava a ver Adrianna, mas via-a menos vezes e com menos liberdade. Na meza do Marquez de Pardailhan, tão profusa e deliciosa, não se sentava ao lado d'elle, como na Grande Fortelle; então tinha saudades não só da estalagem do *Pato de Ouro*, mas até da *Cruz de Malta*, onde vira de tão perto a morte.

Dennis já não estava só ao lado d'elle. São-Wast era o castello mais frequentado n'aquellas vinte leguas mais proximas. Todos os dias appareciam novos visitantes, homens de espada e de toga, magistrados, governadores, generaes. Entre elles, alguns demoravam-se no castello bastantes dias, e nem todos tinham a cabeça coberta de cans como o Sr. de Pardailhan.

Uns fitavam Adrianna muito tempo do que é preciso para andar uma pessoa que se não conhece; outros chegavam a declarar em alta voz, que ella era encantadora e digna de ser admirada em Stockholm.

Houve um que disse ao Marquez:

— Tinhaes uma perula; tendes agora duas!

Ouvindo estas palavras, lembrou-se Armando de

(Continúa na pagina 179.)

A VIDA FLUMINENSE



UM PESADELO HORRIVEL.



Episodio da guerra do Paraguay a bordo do *Lima Barros* durante a abordagem de 2 de Marco.
(copiado fielmente da *Semana Illustrada*)
Por engano, em vez da torre do encouraçado Azeite o chapéo do Sr. C. Ottoni!

Era a companhia assim tão má, que não offerecesse incentivo á concorrência?

Pôde negar-se que havia alli algumas artistas de merito incontestavel?

Ponhamos de parte a direcção prestolada do Sr. Labrunie—mas a partir do momento, em que a empresa passou a outras mãos, não se deram no Eldorado espectáculos, onde a par de espirituosos *cambreiros*, se ouvia operetas de musica arrastadora, e intermedias, a que se podia antes dar o nome de verdadeiros concertos?

A redacção das « chronicas theatras » sente profundamente a queda do Eldorado; tanto mais, que de envolto com ella, vão os favores de um homem activo e laborioso, que luctou tenaz e corajosamente com a adversidade que o ameaçava e de que foi victima actual.

* *

Sabem quem lucra com o desmoronamento moral do theatro da rua da Ajuda?

E' o Sr. Arnaud, o director fino e intelligente, que não perde a occasião de atrahir para o seu Alcazar, as melhores artistas da *finada* companhia do Eldorado.

Antoinette, já faz parte do templo da Paphos da rua da Valla; e garante-me o nosso redactor em chefe, homem para quem não ha segredos, que a Dauran está disposta a aceitar as propostas vantajosas que lhe são feitas.

Emquanto porém o negocio não se realisa, a Dauran, Arsène, Triolier e Olive, vão dar algumas representações no theatro da pittoresca Petropolis. E' de crer, que os petropolitanos recebem os artistas viajantes, com o entusiasmo, que forçosamente lhes dispartará o talento relativo de cada um delles.

UM PASSEIO AO JARDIM

PELO

DR. MOÇO BONITO.

(Continuação.)

Emfim saído a gondola!

E' difficil pintar o desapontamento dos namorados, que vinham prestes a terminar-se esse dia, de tão faustuosas esperanças! Os meninos, mal lobrigaram o vehiculo, accorram com os laços, a mais não poder, e gritaram desesperados:

— Pára! Pára!

O velho chouu impaciente e desconfiado; Brígida,

regançou-se toda, para ver-se havia lugar e Guilhermina conservou-se muda e quieta... Podéra!

O cocheiro, que já conhecia essa gentaglia, gritou: — Não tanta soffreguidão, meus amigos. Isto não vai a matar!

E quando passou a gondola, o recebedor enfiou o dolo na bocca e exclamou com força:

— Fiquem chuehando no dolo!

Os rapazes, que iam dentro, completavam a lotação, e riam-se como desesperados!

Um sorriso de satisfação pairou no rosto das moças, que olharan-se ternamente...

Ambrosio abriu a bocca, de pasmo, e houve um momento, em que passando gradualmente á mais completa estupefacção, ficou com cara de palmo e meio!

XII.

O velho entrou enfiado para a sala de visitas, atirou-se em um sofá e de mão no queixo, dava tratos á imaginação para descobrir o meio facil e prompto de partir bem cedo. Toda a familia olhava absorta para esse *centro de luz*; para essa entidade paterna, quando de repente uma contracção nervosa alterou a phisionomia de Ambrosio.

— *Tenal-a travada!* disse Brígida baixinho.

Um movimento geral de ansiedade, parecia querer decifrar o que se passava naquella cachidia! E já o nosso bom homem abria a bocca, para proferir uma sentença, quando entrou essa hespanhola, que as leitoras já conhecem de *relance*. A mulher requebrava-se toda e foi sentar-se junto ás moças, que a receberam com um gesto de repugnancia.

Gomes espiava...

Brígida era toda pasmo...

E Guilhermina exclamou: •

— *Centes!*... *Vossa já vieram?*

Ambrosio franziu o sobrolho e dirigindo-se ás filhas, com um aceso imperioso:

— Retirem-se, meninas!

Não houve que vacillar! Sahiram todas, mas é forçoso confessar, ficaram á espreita pelas portas.

— Admira, disse Ambrosio a Gomes, que o senhor patrocine a entrada desta mulher, em lugar onde se acham pessoas finas e de trato!

A hespanhola ergueu-se como uma vibora:

— *Pero todavía, caballero...*

— *Pêro?*... pois a senhora chama-me pêro?...!

E investiu para a mulher...

Brígida, felizmente, chegou a tempo de segurar-se com quanta força tinha ás abas do paletot de Ambrosio e evitou desse modo, alguma scena de precipitação.

— Deixe-me, senhora... não me percipite!...

E a hespanhola não ponde... *desfaz-se* toda em risos!

Gomes teve a feliz idéa de retirar-a da sala, sem evitar entretanto, que ella dissesse entre risadas e fazendo uma careta no velho:

— *Pera, cabra-leiro, pera!!!* ..

Coitado! o pobre Ambrosio já não cabia em si de desespero e para desvencilhar-se das mãos de Brígida, deu-lhe tal empurro, que ella foi cahir exangue sobre uma cadeira de braços!

Acceudiu logo toda a familia, que teve o don de senenar, só com a sua presença, a exaltação do velho.

Neste interim entraram os rapazes e começaram a fazer temível algazarra.

— Com mil bombas, camaradas, toca a dançar e folgar! — exclamou João Braz, a encadear o seu formidável collarinho.

— Sem mais demora! — grita o commendador, empurrando Amaro Marques para o piano.

Amaro, mastigando o charuto, sentou-se no piano, e, a pedido geral, tocou uma quadrilha. Era o *Orpheo*.

— Sr. Ambrosio, — diz a *Madama*, apparecendo á porta da sala, — mandei buscar um carro, que só chegará ás 8 horas.

— Está bem ... obrigado!

O commendador, como maior influente, exigiu o concurso das moças, e foi nomeada uma commissão para exigir esse favor do Sr. Ambrosio.

O velho acquiesceu do bom grado.

— Tirem pares! — grita João Braz, batendo palmas.

A Nenê dançou com o commendador.

Guilhermina com Roberto.

Josephina com Arthur.

E o diplomata com João Braz.

— Isto está escandaloso! — disse, á meia voz, o Dr. Mogo Bonito, quando Guilhermina pousou de braço com Roberto.

— Acha? — disse a *Mogea*.

— Olhe que a *Faveja* matou Cain, caro doutor! — disse Josephina, a passar.

— Póde ser, mas eu não matava o irmão por tão pouco!

— Quer dizer que eu não pago a pena? — disse Guilhermina.

— E' a senhora quem o diz! — atalhou logo o doutor.

— Ah! ah! ah! E' verdade, doutor? — perguntou a Nenê.

— Ora, ainda você duvida! — diz o commendador — converte-se hoje, e da ultima vez que se associa ás nossas pandegas! Tome nota!

— E porque?

— Por fastio! — disse o doutor.

— Ah! ah! ah! Estão verdes, meu rico!

E João Braz bateu soffregamente com as mãos:

— Basta de tagarellice!

O piano começou a tocar o *Orpheo*.

O Dr. Mogo Bonito assistia de pé, animando e excitando o enthusiasmo geral.

— Bravo! muito bem! — gritava elle a cada medida de gosto, e a cada passo extravagante.

Brígida estava muito satisfeita.

E Ambrosio, todo macambusio, tinha os olhos parados, a physionomia immovel, e parecia reconsiderar attentamente todos os tristes episodios desse dia aziago, de tão dardas e tremendas decepções.

O Dr. Mogo Bonito, mal deu fé do pasmo do velho, passou rapido como uma aceta, e gritou-lhe no ouvido.

— *C'est la fiffiffatalité!!!*

(Continúa.)

A VIDA FLUMINENSE

Os proprietarios deste semanario publicam anuncios illustrados pelos preços seguintes:

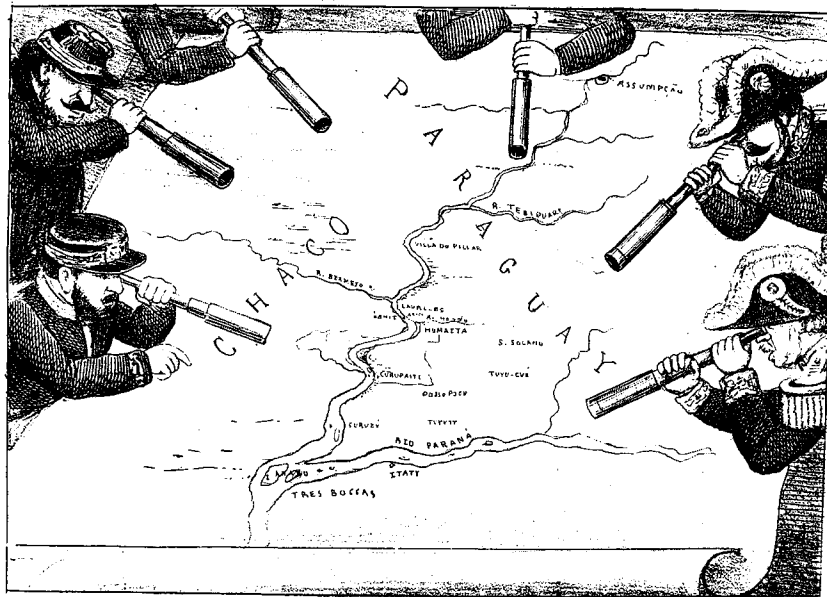
Mela pagina com desenhos a lapis ou a pena . . . 3 000
Pagina inteira 6 000

A pessoa que encomendar um annuncio illustrado de mela pagina terá direito, além da publicação no corpo deste jornal, a receber em avulso com exemplares do mesmo annuncio sobre papel branco.
A que encomendar um annuncio de pagina inteira receberá sobre o exemplar da publicação do mesmo annuncio sobre papel branco e de côr, e terá igualmente direito á publicação do supradito annuncio.

Anuncios escriptos — 120 rs. a linha.

52 Rua do Ouvidor 52

(CORREIO)



GUERRA DO PARAGUAY.

Onde estara Lopes?! Onde estara Lopes?!? Onde estara Lopes?!?!

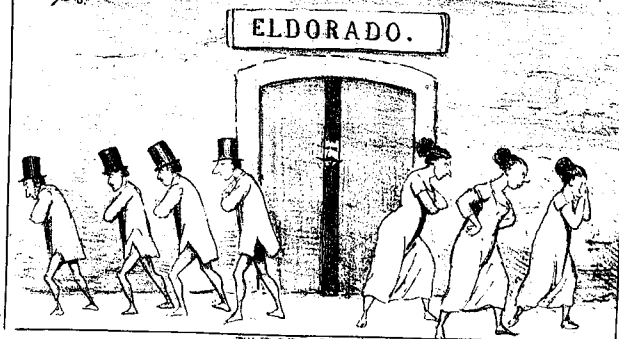
A VIDA FLUMINENSE



O GYMNASIO VINDO DE S. PAULO.

Ah, academicos de uma figa! Em que estado puzerto meus pobres bonecos!

Nadaya S.



ELDORADO.

Agora, mais do que nunca, preciso de alfinete. Assim, mais vale estar atraz do punho do que no meio da rua

A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 11 de Abril de 1908.

Onde estará Lopez ?

Eis a pergunta que corre de bocca em bocca, em todos os recantos do Brasil e das republicas do Prata.

Dizem uma que está na Bolivia;

Outros no Telicanny;

Outros em Assumpção;

Outros em Villa-Rica;

Outros no Chaco;

Outros escondido dentro de alguma peça de grosso cabalho;

Outros dentro de um vestido de Mme Lynch;

Outros.....

Ea penso que elle está em.... *Calças Pardas*, lugar onde não deve achar muito bom commodo, dizem as más linguas.

O denodado official da armada brasileira, que primeiro transpoz as correntes de Humsytá, o capitão de fragata Arthur Silveira da Motta é esperado no Rio de Janeiro por todo este mez.

Asseguram que houro no Alcazar, ultimamente, guerra intestina, promovida por não sei que Maria da Fonte. O que é facto é que quebrou-se a *entente cordiale* entre o empresario e os artistas.

Ouvi rosnar que partem unidas e muitos para o Rio da Prata.

O que for soará.

E o Eldorado que em poucos mezes fez duas fallencias!

Sem Alcazar o sem Eldorado que será dessa immensa pleiade do velhos gaiteiros, *petite creées*, caixeiros de bons annos, Magdalenas ainda não arrependidas e *tutti quanti* frequentavam os jardins das ruas da Uruguaryna e Ajuda?

Dauran, Arsène, Olive e Triolier já foram em demanda de Petropolis, onde tencionam deloitar os enregelados ouvidos de quem por lá ainda se acha nesta quadra de defluxos.

Chegou a companhia do Gymnasio, dirigida pelo festinado Furtado Coelho.

Festejado, sim, senhores! principalmente em S. Paulo, onde *Rocamboldo* e *Renano Vico* foram recebidos nas palmas das mãos.... e dos pés.

Mas Furtado Coelho, que é snorio, conhecendo a boa vontade, com que todos o applaudiam, salvou-se n'uma taboinha, lançando mão de um drama composto por um nememico.

Chama-se o drama *Os Destinos*!

Houve quem lêsse — dez tinos — e afirmasse que o empresario-copphone ficava agora com onze tinos, isto é: um que já dizia ter e dez que pediu por emprestimo ao dramaturgo novel.

Ora com tanto tino vai-se muito longe!

Encerrou-se a exposição da Academia de Bellas Artes. E eu que nem sabia que ella estava aberta!

Acham-se no prélo dous novos livros. Intitula-se um: *Leituras fugitivas — Contos da Roca* por Emilio Zaluar. O outro é um drama que o intelligente artista Pimentel escreveu e fez representar out'ora pela companhia do Athenaeu Dramatico.

O primeiro dispensa qualquer recommendação; o nome do autor basta para patrocinal-o.

O segundo já foi applaudido pelo publico.

Ambos os livros são impressos na typographia do *Diario do Rio*.

Por falta de espaço deixamos de publicar hoje uma carta do nosso correspondente de S. Paulo.

Para que chegue ao conhecimento de todos, registro aqui duas cartas que me parecem curiosas.

A primeira foi escripta por um voluntario da patria, no dia seguinte da tomada do *lo Estabelecimento*; a segunda é, nem mais, nem menos, resposta da primeira. Para maior clareza corrigi os erros orthographicos, respeitando sempre a belleza do estilo. Ahi vão ellas:

« Meu pai.

« Pego na penna para lhe dizer que estou vivo, o que talvez não pudesse comunicar se tivesse esticado a caneta. É verdade que quasi todos da minha companhia morrerão, pelo que fiquei muito triste, mais no dia seguinte, lendo a relação dos que tinham escapado, vi que meu nome lá estava, o que me fez dar dois pulos de contente, e creio que meu pai também fará o mesmo. Meu pai costumava dizer que eu mentia por quantos dentes tinha na boca; não vá agora pensar que tudo isto é mentira minha, porque estou vivo e bem vivo, e mesmo acho que com estas cousas não se deve brincar. »

« Por causa das duvidas previno-lhe que não acredite mais em ninguém, e que espere por certos minutos, porque eu mesmo é que lhe hei de participar tudo, e só creia na minha morte, quando eu lhe disser: morreu seu filho.

« José. »

Resposta dada pelo pai:

« Meu filho

« Pego na penna para communicar-te que tua mãe e eu fomos-nos como perdidos, quando soubeamos do logro que nos tinham pregado com a noticia da tua morte. Já tinhamos encomendado uma missa pelo descanso de tu'alma, e o nosso vigário quer por força dizel-a, assegurando que são uns intrigantes que andão espalhando a noticia que não morreu. Mostrei-lhe tua carta, respondeu-me que podias tel-a escripto distribuido, sem te lembrares que não estava tarjada de preto. Apertados pelos seus argumentos, deixamo-lo dizer a missa, a qual ficará valendo para a primeira vez em que fores deversos d'esta para a melhor.

« Contarão-me que teu commandante fôra ferido cinco vezes, mas que, felizmente, só duas de suas feridas é que são mortaes, prometendo o cirurgião pôr-o perfeitamente bom das outras trez. Deus o queira! pois elle é bem bom moço, e mesmo porque, se morresse, seria muito incommodo para nós, quando fallassemos com elle, estarmos a dizer-lhe: — vossa humda senhoria.

« Meu filho, já me tens custado bem bons cobres! ainda nelucavas que era pouco e viesdes agora fazer-mos comprar roupa de luto? Paciencia! não ha sacrificio que um pai não faça por amor de seus filhos, porém o que me ensta mais é ter de andar de luto em tempo de calor, o que me faz ficar todo assado nas juntas.

« Adeus, meu José, não te esqueças de prevenir-me logo que te aconteça alguma desgraça. Diz-me com

franqueza quando souberes que estás verdadeiramente vivo ou morto. Eu gosto de saber estas cousas de fonte limpa e quem é mais limpo do que tu? No mais, não ha quem duvide que sou teu pai e que te abençoe com a mão esquerda, estando com a direita muito rheumatica.

« MANOEL JOSÉ. »

THEATROLOGIA.

Embora o paiz esteja empenhado n'uma luta terrivel, da qual depende a sua honra e dignidade: embora as circumstancias financeiras da população se achem por demais abaladas com os sacrificios do dinheiro, a que é forçoso recorrer todos os dias: embora a inconstancia da atmosphera tenha sido poderoso incentivo ao desejo de passar as noites em casa, nenhuma dessas cousas explica, a meu ver, a profunda indifferença manifestada pelo publico em relação aos nossos theatros.

Ao passo que as republicas do Prata sustentam annualmente um theatro italiano, tres ou quatro nacionaes, e uma companhia franceza, nós apenas podemos apresentar ao estrangeiro o *Aleazar* e o *Gymnaseo*!

Mã estrella persegue as cousas d'arte neste paiz. Parece que ninguém se lembra mais de que o grão de civilisação de um povo aquilata-se pelo culto, que elle tributa ás sciencias e ás artes.

A que attribuir entretanto este indifferetismo: este desamor por tudo quanto ha de mais bello no mundo? A' decadencia das artes entre nós?

Mas se a decadencia se manifesta em tão grande escala, não deveria o publico envidar todos os seus esforços para impedir tal manifestação?

Não proseguirei neste assumpto. A reacção hade apparecer um dia.

Aguardemo-la e façamos votos para que daqui até lá os pontos espectaculos que ainda restam, possam pelo menos sustentar-se na altura, em que estão.

••

O Eldorado fecho as portas.

É a terceira vez, em menos de dois annos, que os apuros financeiros atiram por terra com as empresas alli estabelecidas. Lá ficam de novo a elegante sala e os espaçozos jardins á mercê das companhias ambulantes e de um ou outro espectáculo do nosso inimitavel Vasques!

É para mim fôr de duvida, que os artistas contratados pelo Sr. Labranche entraram todos no Brazil com o pé esquerdo: nem posso explicar a cousa de outra fórma.

VOLCÃO PATRIÓTICO

fixar a vista em Diana, e só então aperceber-se que ella era realmente, depois de Adrianna, a mulher mais bella e sympathica que elle jamais vira. Ri-sonha, parecia uma dessas nymphas que os poetas fazem sorrir em seus eplogos; séria, era magestosa como uma princeza.

— Como é linda! murmurou elle.

— E só agora foi que visto isto? disse Reinoldo suspirando.

— Então, porque é que olham tanto para Adrianna! exclamou Armando, que de boa mente desejaria que todos os homens só tivessem olhos para Diana.

Os mil sentimentos confusos e cruciantes que o atormentavam quando Pappenheim chegou à *Grande Favelle*, reapareciam mais intensos, mais cruéis do que nunca. Cada dia tinha velledades de dar cabo de alguém. Ora queria matar um fidalgo da Fintlandia que conversou com Adrianna; ora tinha impeto de provocar um titular de Pomerania, com quem ella dançou.

Reinoldo tambem se apaixonara. Por mais que quizesse não podia deixar de olhar para Diana.

— Será possível, dizia elle ás vezes, que tues bellos, dentes tão bellos, mãos tão delicadas, fronte tão pura e bocca tão minosa, pertençam a uma herege? Em que estariam pensando os santos do paraizo, quando consentiram semelhante anomalia?

N'uma noite, entrando com cara lugubre no quarto de seu amigo, disse:

— As novenas e os cirios já não bastam; preciso confessar-me. Cahi no lago do inferno; apaixonei-me por uma herege.

— Tó?

— Eu mesmo! Minha alma foi tentada pelo demonio; mas, ainda que eu morra, heide exorcisá-la. Santa Estocada, minha padroeira, suggerio-me uma grande idéa!

— Qual é ella?

— Sabes que estou louco d'amor pela filha do marquez. Pois bem, vou deslejar lá habituar-me a adorar outra mulher. É uma penitencia que me imponho. E esta outra mulher está aqui.

— No castello de São-Wast?

— Sim. É uma moça que dizem ser viuva.

— A baroneza de Igomer?

— Ella mesma. A baroneza tem apenas vincoz cinco annos. Item vêz que é uma penitencia bem bonita: por isso meu castigo será mais completo.

Armando deu tratos ao espirito para ver se comprahendia, como os encantos da baroneza poderiam punir rudemente Reinoldo, e enquanto buscava a solução do enigma, Chautontaine borbifava nas mãos, os cabellos, o lenço, e a roupa com agua cheirosa e partia para ir começar sua penitencia.

Achava-se por esse tempo, no castello de S. Wast,

um joven fidalgo, natural de Brabante, contra o qual Armando nutria um odio muito especial. Dizia-se que o joven fidalgo pertencia ao exercito, que o imperador Fernando puzera sob as ordens do fauoco e invencivel conde de Tilly.

O barão João de Werth, pela mudacia do olhar e magnificencia em que vivia, fazia lembrar o conde de Pappenheim; mas sobrelevava esta na jactancia e des-covoltura, que contrastavam muito com a intrepidez de que dora sempre inequivocava provas, mas muitas batalhas em que entrara e onde fora ferido mais do dez vezes.

João de Werth tinha o olhar atrevido, a linguagem caustica. Seus ademanos, cheios de insolencia e de ostentação, davam-lhe um certo ar de brutalidade, que o trato da corte ainda não tinha podido dissimular. Nello se reuniam: a soberbia dos templarios, a galheite dos cavalheiros de industria, o gonio irascivel dos fibusteiros, e a impertinencia e espirito de um rico cortezão. Armando estava de sobreaviso com elle, porque lhe parecia que encrava muito Adrianna. Por seu lado, Chautontaine assegurava que o barão de Werth não perdia de vista Diana.

O peor é que faziam ambas bem triste figura perto do fidalgo de Brabante, cujas algeibeiras assemelhavam o tonel das Danaides, com a differença que, se o vaso mythologico nunca podia ficar cheio, a bolsa de João de Werth nunca podia esvaziar-se.

Custumava-se jogar forte no castello de S. Wast. João de Werth, que parecia ter descoberto alguns uma mina de ouro, ganhava e perdia sommas immensas com a maior impossibilidade. Uma noite jogava elle com um fidalgo norueguense. Chautontaine, que se achava proximo da mesa, fazia votos, consigo mesmo, para que o norueguense ganhasse.

— Não apostas, marquez? perguntou João de Werth, voltando-se para Reinoldo.

Este, sem responder, sentou-se e poz sobre a mesa duas moedas de ouro, que perdén instantes depois Armando, que procurava todos os dias pretextos para não jogar, encareou-o admirado; mas Reinoldo baralhava as cartas com a calma de um jogador consumado.

A principio foi-lhe propicia a sorte. Ganhou muito. João de Werth sorria e tirava novas moedas de uma comprida bolsa de seda, que parecia não ter fundo.

De repente cessou a felicidade. O ouro começou a voltar para as mãos do barão.

— Talvez fosse melhor ficarmos aqui. Não achas? disse João de Werth em tom de mofa.

Reinoldo quiz continuar e perdén as ultimas moedas que possuia; então, dirigindo-se a Armando, disse resolutamente:

— Meu caro de La Guerche, empresta-me tua bolsa! Armando hesitou, mas vendo que seu amigo insis-

tin, tirou uma magra bolsa das profundidades mais secretas de seu gibão e murmurou, suspirando um suspiro:

— Eil-a!

Reinoldo abriu a bolsa, que continha apenas algumas ducaes. A luta recommençou; porém que podiam fazer faces recusas contra tropas aguerridas e numerosas? Instantes depois, não fôra Chamfontaine nem uma moeda diante de si.

Uma ou duas horas depois voltaram os dous amigos para o aposento commun. Armando examinou a sacola de viagem, e, achando-a de todo vazia, interrogou com o olhar Reinoldo.

Este respondeu:

— Que queres? Estumos como o findo amor! E tão longe de França!

— Isto é que é o peor!

E ambos deram uma tremenda gargalhada.

Para explicar semelhante hilaridade, conveni dizer que naquella dia ninguém havia cuidando com Adrianus, e que Reinoldo, depois de haver cuidadosamente olhado em torno do si, tinha apanhado e escondido no seio uma fôr cabida do cabelo de Diana.

Armando abriu a janella. O rouxinol cantava proximo. O som de uma cithara, mais suave ainda, fez-se ouvir.

— Conheço estes suspiros harmoniosos, disse Reinoldo; ouvi iguaes na estalagem da *Cruz de Malta*.

Armando embuçou-se no capote e sahiu, dizendo:

— Tambem eu.

— Sabes? Acompanha-me. A encantadora Igoner teve piedade de mim e consentiu esperar-me hoje. Vou começar minha penitencia.

Transposta a porta, os dous amigos separaram-se, esgueirando-se cautelosamente.

A cithara suspirava sempre. Uma luz brilhava na janella da baroneza de Igoner.

Enquanto os dous namorados se entregavam ás suas expansões amorosas, um laccio, na outra extremidade

do castello, introduzia João de Werth nos quartos do Marquez de Pardaillan.

João de Werth já não era o mesmo homem de sorriso satirico, gesto violento, voz aspera. Tinha a attitud de um general ou de um embaixador. Via-se sobre a mesa, defronte da qual estava em pé, uma carta aberta.

O Sr. de Pardaillan a lia pela segunda vez.

— Agora sabe o que me trouxe á Suecia, disse João de Werth. Não se faz mister, creio eu, declarar que é muito importante a missão que me dignos de confiar-me meu soberano, o Imperador da Alemanha.

— Não de certo.

— Passo então contar que estes papeis serão presentes a El-Rei Gustavo Adolpho, vosso amo?

— Sei-o-lhe, ainda que, francamente, eu não tenha muita esperanza que sejam aceites semelhantes propostas.

— Que? Uma aliança secreta entre os dous estados? A facilidade para a Suecia de engrandecer-se do lado da Polonia e da Russia, e até mesmo quem sabe? a possibilidade de reunir sob a mesma coroa as provincias da Dinamarca? Não é esta uma offerta digna de seduzir o espirito guerreiro de vosso rei?

— Gustavo Adolpho, bem o sabeis, pertence á religião reformada, e o Imperador Fernando é servidor declarado do Papa.

— Protestante, pois sim; mas Gustavo Adolpho é principe, e, por conseguinte, ambicioso.

— Engana-se, senhor, disse Pardaillan com altivez. O rei, meu amo, é sucoo e protestante, e não é mais uma coisa do que outra. Respeita tanto seu paiz como sua religião.

João de Werth sorria.

— Julga então que o imperador Fernando se esquece acaso que é bom catholico? Mas nem por isso deixa de ligar-se a um protestante quando enberga n'isso interesse.

(Continua).

A VIDA FLUMINENSE

mudou o seu escriptorio para a

RUA DO OUVIDOR N. 52

PRIMEIRO E SEGUNDO ANDAR

onde estão montados os prélos lithographicos, que mandou vir directamente da Europa.
A VIDA FLUMINENSE encorrega-se, por preços moderados, de todo e qualquer trabalho relativo á lithographia.